

Entre moradias e lutas: história, memória e política na formação de um “bairro-cidade” em Teresina-PI

Between houses and fights: history, memory and policy
by setting up a “district-city” in Teresina-PI

Pedro Pio Fontineles Filho¹

ppio26@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8937-9421>

FONTINELES, C. C. S.; SOUSA NETO, M. 2017. *Nasce um bairro, renasce a esperança: história e memória de moradores do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde*. Teresina, EDUFPI, 272 p.

A escrita é uma prática repleta de intencionalidades e subjetividades, que representa não apenas aquilo que é descrito, narrado, problematizado ou interpretado, mas os lugares de produção e consumo de escritores e leitores. Ela age como as águas correntes que vão abrindo caminhos em meio às barreiras, constituídas, muitas vezes, por pedras, cuja rigidez não é um impedimento intransponível. A escrita, assim, consegue penetrar nas pedras e criar novos percursos e rumos. As nascentes dessa água, ou melhor, dessa escrita, já demonstram a sua força e seus alcances, pois vão se avolumando e ganhando outras proporções. A fluidez da escrita do presente livro assemelha-se ao rio ansioso para encontrar as águas do mar, onde a imensidão é similar à infinitude. É nessa vastidão que os autores lançaram suas redes e pescaram, depois de anos na viagem-mergulho, aquilo que a maré da história lhes permitiu. O presente livro é o “diário de bordo” da aventura nessas águas, nesses rios, nesses mares.

O livro *Nasce um bairro, renasce a esperança* é um exímio exemplo dessa escrita. Traz, a partir do próprio título, a sugestão sutil dessa metáfora-prática das águas correntes. E isso se aplica adequadamente, visto que o bairro sobre o qual se debruça contém, em sua história e nas memórias da população, o nome *Itararé*. De origem tupi, o nome significa “a pedra escavada pelo fluxo das águas”. O livro apresenta e analisa os muitos impedimentos que os moradores daquele bairro tiveram de superar, abrindo caminhos. Exemplos disso são os capítulos iniciais, nos quais são apresentados os percursos e percalços da chegada e da instalação da população no bairro. Para eles, “as cidades e, consequentemente, o bairro exercem enorme fascínio sobre aqueles que desejam enxergá-los por meio de suas narrativas de pesquisa” (Fontineles e Sousa Neto, 2017, p. 18). Essa abordagem dos autores demonstra seus entendimentos sobre a cidade e os processos de urbanização e modernização, que trazem, intrinsecamente, a dualidade entre a coragem e o medo; entre a esperança e a desilusão; entre a razão e a fé; entre o sonho e o pesadelo, tal como é discutido, especificamente, do primeiro ao quarto

¹ Universidade Estadual do Piauí – UESPI, ProfHistória/UESPI e Programa de Pós-Graduação em História, Campus Clóvis Moura – CCM. Rua Desembargador Berilo Mo-ta, s/n. Bairro Itararé. 64.001-280 Teresina, Piauí, Brasil.

capítulo. É nesses capítulos que os autores, ancorados nos ensinamentos de Michel de Certeau (2005), afirmam que

a escolha de um conjunto habitacional como objeto de estudo motiva-se pelo reconhecimento de que os bairros, como espaço social e historicamente repleto de valores, significados, preconceitos e exclusões, representam importantes ‘janelas’ para o entendimento da história das cidades, por serem frações significantes das cidades (Fontineles e Sousa Neto, 2017, p. 19).

Resguardados pela exímia leitura teórico-metodológica de suas fontes – escritas, orais e imagéticas, os autores transitam bem entre diferentes dimensões, abordagens e domínios da história. Por esse diapasão, o leitor se deparará com discussões valiosas sobre história e política; história e cidade; e história local; com seus vieses na história social e história cultural, além de imersões nas noções de tempo, espaço e sujeitos. A história política discutida pelos autores endossa as reflexões teórico-conceituais pensadas por Jacques Julliard (1976) e René Rémond (1996), ao visualizar as relações de poder em diferentes instâncias da política, não somente na centralidade do Estado, mas os embates entre os diferentes agentes políticos e sociais que constituem a política, inclusive em sua esfera micro e privada, o que é detidamente discutido no quinto capítulo, intitulado *Itararé: de indesejado problema a desejado colégio eleitoral*. É nesse momento do livro que os autores consideram que “O bairro, ao longo de sua existência, vivenciou muitas disputas políticas, algumas específicas de sua formação; outras oriundas dos litígios em nível estadual” (Fontineles e Sousa Neto, 2017, p. 202), demonstrando que a compreensão da história é uma questão que vai além dos limites e/ou fronteiras.

Cláudia Fontineles e Marcelo de Sousa Neto tiveram a sensibilidade típica dos mais hábeis historiadores para notar e tratar os diferentes movimentos políticos, econômicos e sociais como as nascentes daquele bairro, pois já desenvolvem pesquisas sobre a região há muito tempo, além de coordenar grupos e projetos de pesquisa que tratam deste tema como escopo de seus estudos, estimulando outros jovens pesquisadores a também enveredar por esses estudos. Exatamente por isso, como a nascente de um rio, que o presente livro é, também, o pioneiro no estudo apurado e sistematizado sobre o bairro. Movimento que, em sua trajetória, tornava-se cada vez mais caudalosa, fazendo renascer a esperança das pessoas que se deslocavam para aquela região, cuja história principia em fins da década de 1970 e é analisada pelos autores até os anos iniciais do século XXI. É um interstício de pesquisa que, em seus avanços e recuos, contempla marcos como a própria criação do conjunto habitacional, em fins da

década de 1970, até a implantação do Campus Universitário da Universidade Estadual do Piauí naquela região, na qual os dois historiadores fizeram parte do quadro de professores e foram os primeiros coordenadores do Curso de Licenciatura em História.

No capítulo sexto, *Pelas Margens*, os autores explicam e analisam as transformações políticas, educacionais, espaciais, subjetivas e simbólicas que a implantação do campus universitário proporcionou à vida da população do bairro, e até mesmo ao olhar do restante da cidade sobre aquela região, cuja história esteve marcada pelas margens, nas margens e contra as margens. Modificou, inclusive, segundo esses historiadores, as maneiras da Universidade Estadual do Piauí de (re)pensar e solidificar suas ações político-pedagógicas e extensionistas de atenção às comunidades mais vulneráveis socialmente, repletas de potencial humano e intelectual subaproveitado. Isso se deu, pois

[...] sua criação se insere em meio ao processo de formação e desenvolvimento do residencial e dos demais aglomerados urbanos que surgiram em seu entorno, bem como reflete as lutas de seus moradores e a representatividade da região no cenário social e político-partidário da cidade (Fontineles e Sousa Neto, 2017, p. 207-208).

Essa pluralidade temática vigente no livro se dá pelo próprio caráter do campo da história, visto que todos os aspectos e dimensões da realidade histórico-social interagem. Não há fatos exclusivamente políticos, econômicos ou culturais. Conscientes dessa condição multifacetada da oficina da história, Cláudia Fontineles e Marcelo de Sousa Neto apresentam a história e a memória do bairro sem desconsiderar seus enlances com as escalas micro e macro, entre o público e o privado, apontando para a realidade da cidade de Teresina, assim como para sua interface com a configuração histórica dos cenários estadual e nacional.

Os autores aplicam as escalas do recorte espacial como estratégia para não se limitar ao olhar sobre fatos isoladamente, visto que pretendiam apresentar as interconexões entre os acontecimentos em esfera teresinense, piauiense e nacional. Ao fazer isso, conseguiram problematizar suas fontes, aplicar as metodologias adequadas e seguir os lastros teóricos que alicerçam suas inferências e proposições. É nesse mote de estudo que, à semelhança do que faz Carlo Ginzburg (2007), os autores buscam e apresentam “os fios e os rastros” da história e da memória do bairro por eles estudado. Os fios das nascentes seguiram, e seguem, por caminhos vários e vão deixando os múltiplos rastros, cabendo ao presente estudo a tarefa de sugerir rotas para a compreensão dos vestígios deixados por tais fios e rastros. E é em meio a esses rastros que as

abordagens apresentadas no presente livro corroboram as assertivas de Marc Bloch (2010), ao destacar que o bom historiador é aquele que se assemelha ao monstro da lenda, que fareja a carne humana onde ela estiver.

É a carne de um corpo ou conjunto de corpos, conforme as proposições de Richard Sennett (2003), que interage com a cidade e age na, a favor e contra esta, nos jogos de interdições e de conflitos políticos, sociais, econômicos, educacionais, culturais, religiosos. É a carne de uma população batalhadora, fortalecida pela resistência aos esquecimentos das políticas públicas; a carne das pessoas que criaram suas táticas para a sobrevivência em um espaço repleto de carências e demandas, montando, inclusive, seus negócios próprios e dando o pontapé inicial para o surgimento de um comércio movimentado, como indica a história do mercado público e de seus feirantes; a carne daqueles que buscaram na fé o conforto espiritual e, com isso, redefiniram a própria configuração daquele bairro.

É a carne de um povo que, sem abastecimento regular de água ou rede de esgotamento sanitário, sem serviço de transporte público satisfatório, sem espaços de lazer, buscou na educação, no lazer amador e nas lutas coletivas o fortalecimento de suas vozes e, a partir disso, conseguiu gritar. Esse grito foi ouvido com sensibilidade pelos autores desta obra. Se o bom historiador, como disse Marc Bloch, é aquele que fareja a carne humana, os escritores do livro em análise alcançaram um nível de excelência, pois não só farejaram como viram e escutaram as suas “caças”.

Nasce um bairro, renasce a esperança é um texto fulcral para a compreensão do bairro como recorte integrante da historiografia, na mediação entre a história e a escrita, sobre a cidade de Teresina. É um livro pautado pelo compromisso indelével com a historiografia e com a História, visto que, conforme chama atenção Jurandir Malerba (2006), nenhum historiador deve se esquecer do esmero e da responsabilidade de seu labor intelectual. Cláudia Fontineles e Marcelo Neto, incorporando esse ensinamento durante toda a sua carreira profissional, pensaram cada etapa da feitura desse livro, dando corporeidade ao seu trabalho na oficina da história. Sabedores dessa condição, os autores recorreram aos historiadores precedentes, que discutiram conceitos, categorias e temas pertinentes à história, à memória, à cidade e à política, mapeando os fios e os rastros de seu objeto de estudo.

O livro é fruto de inúmeros anos de pesquisa acadêmico-científica dos autores, mas, mais do que isso, é o resultado do trabalho de dois professores-pesquisadores que tomam a história não apenas como profissão. Cláudia Fontineles e Marcelo Neto são viscerais em sua escrita e,

por isso mesmo, o livro é marcado pelo equilíbrio entre a paixão e a razão, entre a objetividade e a subjetividade do fazer historiográfico. Conseguem, assim, na harmonia entre a teoria e a prática, construir uma narrativa conduzida pela práxis da pesquisa e da escrita, sem se deixar, em momento algum, corromper pela cegueira da paixão, evitando a todo instante sucumbir ao atalho da escrita panfletária; o rigor com o qual norteiam sua vida acadêmica regula sua narrativa. Os autores encerram o livro advertindo que as lutas travadas no tempo e contra o tempo, no bairro analisado, ainda enfrentam os limites de seu nascimento. Salientam também que isso não silencia a esperança de sua gente, que o faz renascer, seguindo o fluxo das águas que continuam rompendo as barreiras persistentes.

É com essa fluidez da e na escrita que o livro foi pensado e construído. Não se trata de um texto que indica um sentido único para a história do objeto analisado. Pelo contrário, o seu fluxo é jorrante e aponta para as inúmeras possibilidades do olhar sobre as temporalidades da própria história. Cláudia Fontineles e Marcelo de Sousa Neto concluem o livro afirmando que a intenção, de fato, foi “estudar a história do Itararé/Região do Grande Dirceu pela ótica daqueles que consideramos ser seus principais construtores: seus moradores” (Fontineles e Sousa Neto, 2017, p. 253). Os autores são generosos com o leitor e com a história. Sugerem que não se deva apenas acompanhar as correntes dessa água-escrita, mas nelas mergulhar, inclusive seguindo, caso seja preciso, outros sentidos, na eventual busca de outras nascentes, pois só assim a história e a memória do bairro se renovam, renascem.

Referências

- BLOCH, M. 2010. *Introdução à história*. 2. ed. Lisboa, Portugal, Publicações Europa-América, 292 p.
- CERTEAU, M. 2005. *A invenção do cotidiano – 2: morar, cozinhar*. 6. ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 372 p.
- GINZBURG, C. 2007. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 454 p.
- JULLIARD, J. A Política. In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, p. 180-196.
- MALERBA, J. Teoria e história da historiografia. In: MALERBA, J. (org.). 2006. *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo, Contexto, p. 11-26.
- RÉMOND, R. 1996. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ / FGV, 472 p.
- SENNETT, R. 2003. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 3. ed. Rio de Janeiro, Record, 364 p.

Submetido em: 17/01/2019

Aceito em: 01/05/2019